

O ANTICOMUNISMO



O QUE É O ANTICOMUNISMO?

O anticomunismo é a ideologia das forças mais reacţionárias em luta contra a marcha da História, contra a classe operária e as massas populares, que são, nos nossos dias, os grandes factores do progresso social.

QUEM SE SERVIU NO PASSADO DO ANTICOMUNISMO?

No passado, o anticomunismo foi a arma preferida da propaganda fascista. Os governantes de então esperavam liquidar a influência do partido dos trabalhadores. Tentaram-no pelo aniquilamento físico e pela destruição ideológica. Sabemos hoje que os seus planos saíram gozados. Ao cabo de meio século de terror, o PCP, que era, quando o fascismo subiu ao poder, um pequeno partido de reduzida influência, transformou-se num grande partido nacional, estreitamente ligado à classe operária e aos trabalhadores, gozando de um enorme prestígio e de uma real influência entre os trabalhadores e as mais amplas massas populares.

QUEM SÃO HOJE OS PRINCIPAIS ARAUTOS DO ANTICOMUNISMO?

O anticomunismo é hoje um instrumento de combate dos principais inimigos do nosso povo. Dos inimigos da classe operária e dos camponeses. Mas também dos inimigos dos pequenos e médios industriais e comerciantes, assim como dos intelectuais.

Esses inimigos são, no plano político, a reacção e o

fascismo, no plano económico e social, os monopólios associados ao imperialismo e os latifundiários.

São estes que pintaram e pintam os comunistas como inimigos da pátria, da família e até do próprio homem. São eles que fazem do anticomunismo a sua principal arma ideológica na luta contra a liberdade, a democracia e o progresso social.

Eles são os anticomunistas tradicionais.

QUEM MAIS UTILIZA O ANTICOMUNISMO?

Hoje surge uma modalidade de anticomunismo em que aparecem envolvidos, coincidindo com a pior reacção, sectores que se afirmam liberais e democráticos, que deformam a política do PCP, caluniam sobre os seus objectivos, mentem acerca da sua actividade.

As deformações, mentiras e calúnias procuram criar um clima de tensão e dramatismo e conjugam-se com a actividade provocatória de grupos pretensamente de esquerda, apostados em fomentar a instabilidade e a perturbação. Esta conjugação surge cada vez mais em acções concretas e em alianças políticas publicamente declaradas, umas e outras pondo a nũ o oportunismo de raiz que caracteriza estes partidos e grupos, quer se apresentem com fachada de direita, de centro ou de esquerda.

Na recente campanha anticomunista participaram forças que vão do CDS ao PPD e até ao PS, passando pe-

los reaccionários do verbalismo.

Todos eles apareceram irmanados numa "santa aliança" anticomunista, como se exemplificou em certos escritos publicados na imprensa e em comícios que assumiram caráter nitidamente provocatório.



QUAL A RAIZ DO ANTICOMUNISMO?

A recente campanha anticomunista tem como raiz mais profunda a reacção dos partidos e forças políticas da burguesia, quando se trata de definir uma estratégia antimonopolista e antilatifundiária. A intensidade com que certos problemas políticos - entre eles o da legislação sindical - têm sido discutidos, traduz esta oposição de interesses. O histerismo da campanha representa um esforço gigantesco para iludir e silenciar os verdadeiros problemas que estão em jogo - o saneamento político, a legislação revolucionária, as medidas antimonopolistas e antilatifundiárias, o avanço da democratização e do processo revolucionário.

QUÁL A PRINCIPAL RAZÃO DO ANTICOMUNISMO?

O anticomunismo, seja qual for a coloração de que se reveste, obedece a um mesmo motivo: a força real e o enorme prestígio do PCP, cujo amplo e massivo apoio popular não agrada a reaccionários e oportunistas.

Se o PCP fosse mais pequeno, se ele tivesse um limitado apoio das massas e uma menor influência, por certo a campanha anticomunista assumiria mais reduzidas proporções e menor virulência.

QUE OUTRAS RAZÕES HÁ PARA O ANTICOMUNISMO?

O recrudesimento da campanha anticomunista não está desligado da aproximação das eleições, que são encaradas por todas as forças reaccionárias como uma possibilidade de modificação do rumo político em Portugal.

Os últimos acontecimentos em diferentes terras do nosso país demonstram que os reaccionários e filiados de partidos mesmo da coligação, com o apoio de grupos pseudo-revolucionários, procuram de várias formas impedir a acção esclarecedora e a propaganda do PCP e de outras forças progressistas, pôr em causa comissões administrativas de autarquias locais constituídas por representantes populares, provocar assaltos e violências sobre democratas e instalações de autarquias, instaurar um clima de intimidação.

QUAL A FORMA MAIS CORRENTE DO ANTICOMUNISMO?

O antisovietismo é uma das formas mais correntes do anticomunismo. Os anticomunistas de todos os matizes empenham-se com raro fervor em denegrir as realizações dos países socialistas e, em particular, da União Soviética.

Partindo da deformação e deturpação das experiências dos países socialistas, os anticomunistas esforçam-se por fazer crer às massas que os comunistas não querem a liberdade, nem a democracia. Ao mesmo tempo, pintam de roseas côres as democracias burguesas, enaltecem a "sacrossanta liberdade" que os monopólios têm de, fundidos com o Estado, oprimir e explorar os trabalhadores e as mais amplas massas populares.

QUAL A LINGUAGEM DO ANTICOMUNISMO?

O anticomunismo fala a linguagem da liberdade e, em nome desta, mente, desvirtua princípios, ignora actos. O anticomunismo fala a linguagem da democracia e, em nome desta, recorre à insidia, à calúnia irresponsável e abjecta, à deturpação dos factos, mesmo à violência.

O anticomunismo é o eco de todas as mentiras, deformações e calúnias da reacção internacional. O anticomunismo em Portugal, falho de imaginação, reedita muitas das insidias, deturpações e calúnias já utilizadas pelos fascistas.

COM QUE CONTAM OS ANTICOMUNISTAS?

No nosso país, os anticomunistas contam com o obscurantismo a que os fascistas condenaram o nosso povo, com a ignorância e despolitização que ainda existem em

largos sectores da população e em muitas regiões do país. As mentiras propagadas nos nossos campos ilustram bem o desdém e o desca-ramento dos anticomunistas.

Acusam os comunistas de que- rerem tirar as terras aos cam-



poneses. Mas não dizem que foi a política do fascismo, ao serviço do grande capital, que conduziu à ruína cen-tenas de milhar de camponeses.

Acusam os comunistas de roubarem os filhos às mães. Mas não dizem que foram os colonialistas que roubaram dezenas de milhar de filhos às suas mães, enviando-os para a guerra colonial, onde morreram e ficaram mutilados.

Acusam os comunistas de dissolverem as famílias. Mas

não dizem que foi a política do fascismo que obrigou centenas de milhar de portugueses a emigrar, separando-os da família, na busca do pão para a boca.

Os comunistas não só não tirarão um palmo de terra aos camponeses, como lutarão para que lhes seja dada mais terra. E lutarão também para que no Portugal democrático de amanhã exista protecção condigna para a família e para a infância, para que os portugueses não tenham de emigrar em busca de sustento.

DE QUE PRETEXTOS SE SERVEM OS ANTICOMUNISTAS?

Para os anticomunistas todos os pretextos são bons.

Os comunistas defendem, como sempre o fizeram, eleições livres. E porque as defendem, sublinha o PCP certas disposições da lei eleitoral e reclama que se corrijam certas situações que virão a viciar, em alguns aspectos, a genuinidade do voto. Pois logo os anticomunistas protestam. E passando por cima das irregularidades apontadas, começam a caluniar, dizendo que o PCP não quer eleições.

O PCP realiza conferências, encontros, reuniões, de trabalhadores, de camponeses, de pequenos comerciantes, etc, para que estes discutam os seus problemas e encontrem solução para eles. Pois logo os anticomunistas conseguem ver nisso "manipulações" do PCP, a confirmar pretensos desígnios totalitários.

O Congresso do CDS, no Porto, é interrompido por

bandos de provocadores. Pois, apesar de o PCP não ter sido havido nem achado no assalto, e ter mesmo tomado uma clara posição contra tal iniciativa provocatória, logo a reacção internacional orquestrou um nutrido cõro contra o PCP, contra o MFA e contra o regime democrático português. O que bem demonstra que tal provocação apenas serviu as forças reaccionárias, para as quais, como se disse, todos os pretextos são bons.

Pois não são eles mesmos que inventam em Portugal uma questão religiosa, que só na sua imaginação existe?

O QUE ENCOBREM AS CALÚNIAS ANTICOMUNISTAS?

O anticomunismo encobre, em geral, uma política reaccionária, uma solução dos problemas nacionais contrária aos interesses dos trabalhadores e das massas populares, a tentativa de mistificar o povo, desviando-o dos seus verdadeiros defensores. Em certos partidos o anticomunismo esconde ainda debilidades e deslocamentos sociais para a direita.

Quando dirigentes de certos partidos afirmam ter evitado a guerra civil, querendo significar implicitamente que o PCP a quis provocar, o que pretendem com esta monstruosa calúnia é apresentar o PCP à opinião pública e, em particular, às forças democráticas hesitantes, como inimigo das liberdades e da democracia.

Quando certos partidos afirmam que o PCP controla a TV e outros órgãos de informação ou que pretende ins-

taurar uma nova censura, sabem perfeitamente que isto não contém a mínima parcela de verdade, pois é patente que o controlo são eles que o tentam impor com prejuizo directo de todas as forças progressistas. Esta calúnia tem em vista reforçar ainda mais esse mesmo controlo e a desinformação que lhe está associada e, em alguns casos, conduzir à liquidação do que resta de uma informação isenta e unitária.

Quando certos partidos afirmam que o PCP se opoe à realização de eleições e que acusa o povo de ser reaccionário, sabem perfeitamente que mentem, mas têm em vista impedir o saneamento dos caciques fascistas e reaccionários que subsistem ainda em numerosas autarquias locais, caciques em que se apoia agora a actividade desses partidos, e que tudo fazem para silenciar a propaganda do PCP e que tudo farao para impedir que a verdadeira vontade do povo seja expressa.

QUANDO SE TORNA MAIS VIRULENTO O ANTICOMUNISMO?

A campanha anticomunista em Portugal coincide com a ofensiva concertada para provocar o caos económico e desacreditar o novo regime. Torna-se mais virulenta nos momentos em que as forças da reacção redobram de esforços para pôr em causa as conquistas das massas populares, para liquidar as liberdades e fazer regressar o nosso país ao passado de ditadura. Não é por acaso que na crise provocada em Julho pelo primeiro-ministro Palma Carlos e na operação da chamada "maioria silenciosa", em fins de Setembro, o anticomunismo as-

sumiu particular amplitude e virulência. Também não é por acaso se surgem pasquins anônimos em que o anticomunismo com o selo fascista é facilmente detectável.

É também evidente que o recrudescimento da campanha anticomunista tem permitido que os fascistas portugueses se sintam animados na sua actividade conspiratória, assim como tem tido influência no atraso de decisões necessárias ao prosseguimento do processo em curso.

OBEDECE O ANTICOMUNISMO A ALGUMA DIRECÇÃO CENTRALIZADA?

A experiência do passado demonstra que, efectivamente, o anticomunismo obedece à orquestração de uma direcção centralizada. Isso transpareceu com particular evidencia durante a operação da chamada "maioria silenciosa", em que assistimos a uma ampla e intensa campanha de propaganda anticomunista.

Por outro lado, torna-se hoje evidente que a "santa aliança" anticomunista é propagada, estimulada e paga por toda a reacção internacional que, por um lado, se faz eco das calúnias anticomunistas e, por outro lado, atribui aos comunistas as provocações e os desmandos que, condenados expressamente pelo PCP, são levados a cabo por grupos pretensamente de esquerda.

O ANTICOMUNISMO VISA SÓ O PCP?

O anticomunismo visa, de facto, todas as forças autenticamente democráticas e progressivas. No passado, sempre

que alguém manifestava convicções democráticas, os fascistas perseguiram-no, acusando-o de comunista. Também no presente os reaccionários e fascistas, de braço dado com certos oportunistas, acusam democratas das mais variadas tendências de serem comunistas.

Já ouvimos certos dirigentes socialistas acusarem alguns partidos e movimentos de PC2, PC3 e PC4, só porque são um entrave aos seus projectos e não participam do seu jogo anticomunista. Não admira pois que também o PPD, pela boca do seu secretário-geral, cuja acção conspiratória durante a crise de Palma Carlos é bem conhecida, tenha afirmado num comício em Aveiro que "uma revolução está a ser feita aceleradamente sob a direcção do PCP e seus satélites, com vista a obter o controlo dos centros nevrálgicos." E o mesmo senhor não hesitou em recorrer aos seus preconceitos anticomunistas e às suas conhecidas difamações da política do PCP para justificar os seus ataques ao MFA e ao seu programa.

QUAIS OS OBJECTIVOS DO ANTICOMUNISMO?

A campanha anticomunista propagada no país, em que se destacam, como agentes mais virulentos, renegados do PCP de todos os matizes, tem como principais objectivos:

Em primeiro lugar, isolar o PCP, cortá-lo das massas, reduzir a sua influência, afastá-lo do Governo.

Em segundo lugar, dividir a classe operária, separá-la da sua vanguarda, condená-la à aventura.

Em terceiro lugar dividir as forças de esquerda.
Visa cindir o MFA e reduzir o seu papel na vida política portuguesa.

Visa quebrar a aliança POVO-MFA.



Visa a paralização de todo o processo revolucionário e o seu retrocesso.

E visa também, desacreditar as ideias do socialismo científico e as realizações históricas dos países socialistas, em particular da URSS.

Quando certos partidos acusam os comunistas, e não são, de pretenderem instaurar uma ditadura de esquerda, é, na verdade, com uma ditadura que estão a sonhar. Uma ditadura dirigida por eles, pelos exploradores, contra as massas trabalhadoras e populares. U

ma ditadura destinada a garantir a manutenção dos monopólios, a qual terá forçosamente de assentar numa intensificação da exploração da classe operária e demais trabalhadores, na restrição de todas as liberdades.

CONCLUSÕES

A experiência de quase meio século de fascismo mostra que o anticomunismo é uma forma grosseira de luta contra a liberdade.

Hoje como ontem, o anticomunismo serve os interesses da reacção e do fascismo, constitui um obstáculo à luta da classe operária, dos trabalhadores e das massas populares, uma ameaça às suas conquistas, um entrave à consolidação e desenvolvimento do processo revolucionário.

Mas a experiência está a demonstrar que mais uma vez se iludem aqueles que tentam isolar o PCP. Os que querem dividir saem divididos. Os que querem isolar saem isolados. As massas trabalhadoras, as massas populares estão com o processo democrático e revolucionário, desejam e apoiam o seu firme prosseguimento e, por isso, estão solidárias com aqueles que sinceramente se empenham na sua concretização.

O PCP CHAMA VIVAMENTE À VIGILÂNCIA E À ACÇÃO CONTRA O ANTICOMUNISMO.

A luta contra o anticomunismo é parte constituinte da luta pela unidade das forças democráticas. O PCP

insiste na importância da unidade das forças democráticas para a construção da democracia em Portugal.



SABES QUE OS
COMUNISTAS COMEM
AS CRIANÇAS, MATAM
OS VELHOS, E
.....

JÁ SEI !!!
E OBRIGAM A
DESCER AS CALÇAS
E VÃO AO CÚ AOS
BOATEIROS!





SECÇÃO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

REEDIÇÃO DA DIRECÇÃO DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DAS BEIRAS
(D.O.R.B.)